

O CORPO HUMANO COMO CHAVE DE ACESSO AO “ENIGMA DO MUNDO”

Gilmara Coutinho

RESUMO

O texto apresenta o corpo humano como chave para decifrar o em si do mundo, a que Schopenhauer chama de vontade. A vontade, como querer insaciável, tudo quer e, não obstante, nunca se satisfaz. Existiria acaso alguma armadilha para que a humanidade saísse como vencedora nessa luta? Seria preciso conhecer a fundo a causa de todo o sofrimento inerente ao mundo, a vontade. Segundo Schopenhauer, a vontade possui graus de objetivação, sendo o corpo humano o grau mais elevado. Portanto, só um profundo conhecimento do corpo pode promover o conhecimento da vontade e, por conseguinte, nos levar a sua afirmação ou a sua negação.

Palavras-chave: Schopenhauer. Corpo. Vontade. Conhecimento.

ABSTRACT

The text presents the human body as the key to decipher the world itself, which Schopenhauer called will. The will, as insatiable want, everything you want and yet, never satisfied. Is there any chance that trap for humanity come out as a winner in this fight? Would need to know in depth the cause of all the suffering inherent to the world at will. According to Schopenhauer, the will has degrees of objectification, and the human body the highest degree. Therefore, only a deep knowledge of the body can promote the knowledge of the will and therefore lead us to his statement or its negation.

Keywords: Schopenhauer. Body. Will. Knowledge.

1. CONHECIMENTO HUMANO E LIBERDADE DA VONTADE

Contar com o que está no campo de nossas possibilidades e, não com o que está fora de nosso alcance, nos priva de muitos sofrimentos e, só nos é possível graças ao intelecto. Considerando que viver é sofrer, conforme nos diz Schopenhauer em seu livro *Sobre a liberdade da vontade*¹, não devemos por isso agir de forma resignada. Na obra citada, o autor fala em três tipos de liberdade e, uma delas é a liberdade intelectual. Sobre o problema da liberdade, na obra de Schopenhauer, é preciso entender que livre mesmo só a Vontade o é; o que chamamos “ato livre do homem” não é nada mais do

¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre la libertad de la voluntad*. Tradução de Eugenio Ímaz. — Madrid: Alianza Editorial, 2000.

que sua essência mesma. O que diferencia o homem dos outros animais, o conhecimento, o intelecto, lhe é dado justamente por sua fragilidade. O homem, "um ser complicado, multifacetado, plástico, altamente necessitado e indefeso"². É para a conservação do indivíduo, da espécie humana, que existe o conhecimento.

Em vista disso, entendemos que, por mais que o homem se compreenda como o ápice de uma pirâmide formada pelos reinos da natureza, ele não pode esquecer que "a noção de vontade-de-vida tem o efeito de negar à humanidade qualquer *status* especial distinto do resto da natureza"³. Não se pode ignorar que o conhecimento sempre será servil à Vontade. O conhecimento, segundo Schopenhauer, não passa de uma função biológica; sendo os estados da mente, estados do cérebro "massa carnosa que ocupa o crânio"⁴. Para ele, portanto, o conhecimento não é mais valioso que qualquer outro órgão do corpo. Os órgãos de nosso corpo não têm outro propósito senão propagar a vida: "A vontade-de-saber, objetivamente percebida, é o cérebro, tal como a vontade-de-andar, objetivamente percebida, é o pé; a vontade-de-pegar, a mão; a vontade-de-digerir, o estômago; a vontade-de-procriar, os órgãos genitais e assim por diante"⁵. Logo, o sujeito cognoscente, assim como todos os outros animais e também os vegetais e mesmo os seres inorgânicos, é subserviente à Vontade, com exceção dos santos e dos gênios. Schopenhauer pretende derrubar a divisão tradicional entre **mundo mental** e **mundo físico** e substituí-la por outra: Vontade e intelecto. Nessa divisão, o corpo teria referência à Vontade, enquanto que o intelecto, a razão, à representação. Não há, pois, nada em nosso corpo e, em parte alguma do universo que exista com outra função que não seja satisfazer a Vontade. Schopenhauer também distingue entendimento de conhecimento. O último, concernente à razão, pertence apenas ao homem, enquanto que o primeiro, irracional, está presente nos demais seres: "a razão sempre pode apenas SABER; unicamente ao entendimento, livre de toda influência da razão, é permitido intuir"⁶. A faculdade de conhecimento reflexiva, única capaz de diferenciar o querer do agir, e que difere o homem de seus irmãos irracionais, faz, pois, com que o homem os supere não só em poder, mas também em sofrimento. O conhecimento acorrenta o

² SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2005.p. 216, § I 180.

³ Cf. JANAWAY, Christopher. *Schopenhauer*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. In Coleção Mestres do pensar. São Paulo: Editora Loyola, 2003, pp. 61-62.

⁴ *Ibid.*, p. 65.

⁵ Cf. Texto citado por Janaway, 2003, p. 65, extraído do segundo tomo de *O Mundo*.

⁶ SCHOPENHAUER, 2005, p. 69, § I 30.

homem também ao passado e ao futuro, enquanto que os outros animais vivem apenas o agora. Essa vivência do passado e do futuro leva o homem a sofrer de angústia pelo desejo não suprido, pelo arrependimento do que fez ou que deixou de fazer que não saiu do seu agrado, pela ansiedade do que possa lhe esperar mais adiante. Contudo, é certo que tanto o homem quanto os outros animais, bem como a natureza inteira **querem**, variando a forma de expressão desse querer, que no homem se dá através da **linguagem** — “primeiro produto e instrumento necessário da razão”⁷.

2. CORPO HUMANO: GRAU MÁXIMO DE OBJETIVAÇÃO DA VONTADE

No livro II de *O Mundo*, em que Schopenhauer apresenta o mundo como Vontade, e fala sobre a objetivação da Vontade, ele aponta o **corpo humano** como o grau mais alto dessa objetivação. O homem, sujeito que conhece, muito embora seja um fenômeno como todos os outros (animais, vegetais, seres inorgânicos), encontra-se no mundo como **indivíduo**, isto porque seu conhecimento é determinado por um corpo que tem como ponto de partida a intuição do mundo, suas afecções. O corpo humano é o único objeto do qual podemos conhecer mais de um lado: além do lado da representação, podemos conhecer também o lado da Vontade. É dada ao sujeito que conhece a palavra do enigma do mundo, a **Vontade**: "esta, e tão somente esta, fornece-lhe a chave para seu próprio fenômeno, manifesta-lhe a engrenagem interior de seu ser, de seu agir, de seus movimentos"⁸. O corpo é dado ao sujeito cognoscente de duas maneiras: como representação na intuição do entendimento, submetido ao espaço, tempo e causalidade; e como aquilo conhecido de forma direta por cada um e indicado pela palavra Vontade. Tudo o que acontece à Vontade é simultaneamente sentido como um movimento do corpo, isto porque, ambos, ato da Vontade e ação do corpo, são uma só coisa. Portanto, se a Vontade for contrariada, é manifestado no corpo o sentimento de dor, de desconforto; se for satisfeita, a sensação é de bem-estar, de prazer. Dor e prazer não são representações, mas, de forma geral, são afecções imediatas da Vontade em seu fenômeno: "Todo movimento excessivo e veemente da Vontade, isto é, cada afeto, abala imediatamente o corpo e sua engrenagem interior, perturbando o curso de suas funções vitais"⁹. Apesar dessa relação imediata do corpo com a Vontade, é preciso não esquecer que aquele não é outra coisa senão fenômeno, representação cujo substrato é a Vontade.

⁷ Ibid., p. 83, § I 44.

⁸ Ibid., pp. 156-157, § I 119.

⁹ Ibid., p. 159, § I 121.

Assim como o que acontece ao ato de Vontade acontece também ao corpo, toda ação sobre o corpo é simultânea e imediatamente ação sobre a Vontade. Schopenhauer ilustra bem essa relação dos atos da Vontade com as relações do corpo dizendo o seguinte:

As partes do corpo têm de corresponder perfeitamente às principais solicitações pelas quais a Vontade se manifesta, têm de ser a sua expressão visível. Dentes, esôfago, canal intestinal são a fome objetivada. Os genitais são o impulso sexual objetivado; as mãos que agarram e os pés velozes já correspondem ao empenho mais indireto da Vontade que eles expõem.¹⁰

As ações do corpo humano são guiadas por motivos que determinam o querer do corpo em certo tempo, determinado lugar, determinadas circunstâncias. Que se entenda claramente que apenas o corpo é determinado pela lei de motivação, não a Vontade mesma. A Vontade, como já foi dito anteriormente, é sem-fundamento, enquanto que o fenômeno é submetido ao princípio de razão. A Vontade é algo conhecido por inteiro, imediatamente, e, no entanto, não se origina no fenômeno, é coisa-em-si, presente na consciência imediata do próprio indivíduo. Ao voltar-se ao conhecimento de sua essência, o sujeito passa a se conhecer de maneira direta; não há mais formas espaço-temporais, não há mais sujeito e objeto: "quem conhece coincide com o que é conhecido"¹¹. O sujeito, através do corpo, tudo conhece, mas, não é conhecido por nada:

todos os corpos animais são objetos imediatos, isto é, pontos de partida da intuição do mundo para o sujeito, que tudo conhece e, justamente por isso, nunca é conhecido. O conhecer, junto com o mover-se por motivos condicionados por ele, é, por conseguinte, o CARÁTER DA ANIMALIDADE, assim como o movimento por excitação é o caráter da planta.¹²

A Vontade não pode ser conhecida através das formas espaço-temporais dado que nelas o que é essencialmente uno e igual aparece como uma pluralidade de coisas que coexistem e se sucedem. Espaço, tempo e causalidade só podem ser formas do conhecimento, formas fenomênicas, "mera superfície sob a qual espreita a força motriz de nossa natureza"¹³. A Vontade não atua no corpo apenas nas formas que podemos perceber, como num passo que damos, numa fruta que pegamos, mas também atua ela em todas as funções não guiadas por conhecimento; usando as palavras de

¹⁰Ibid., p. 167, § I 129.

¹¹Ibid., p. 171, § I 133.

¹²Ibid., p. 64, § I 24.

¹³JANAWAY, 2003, p. 64.

Schopenhauer: "em todos os seus processos vitais e vegetativos: digestão, circulação sanguínea, secreção, crescimento, reprodução"¹⁴.

Existe entre os fenômenos uma espécie de conflito permanente, uma infindável e irreconciliável luta, que resulta em fenômenos mais elevados. Temos essa luta presente em nosso próprio corpo, como no caso da digestão, por exemplo:

A digestão deprime todas as funções animais, pois exige toda a força vital para dominar as forças químicas da natureza pela assimilação. Daí em geral o fardo da vida física, a necessidade do sono e, por fim, a morte; pois, finalmente, por circunstâncias favoráveis, as forças naturais subjugadas reconquistam a matéria que lhes foi arrebatada pelo organismo, agora cansado até mesmo pelas constantes vitórias, e alcançam sem obstáculos a exposição de sua natureza.¹⁵

Vemos assim que em toda natureza há conflito, luta – discórdia essencial da Vontade consigo mesma. A Vontade aparece nessa luta travada entre a pluralidade dos fenômenos, mas ela mesma é una e indivisa. E é esse conflito o que provoca o sofrimento no mundo. A luta começa desde o nascimento de cada animal, o brotar de cada planta; e não cessa com sua morte, pois a espécie continua. É possível observar, então, que há uma teleologia na natureza, muito embora, seja a Vontade mesma sem fundamento:

Pois, se o instinto é como se fosse um agir conforme um conceito de fim, no entanto, completamente destituído dele, assim também todos os quadros da natureza se assemelham aos feitos conforme a um conceito de fim e, no entanto completamente destituídos dele. [...] Aquilo que temos de pensar como meio e fim é, em toda parte, apenas o FENÔMENO DA UNIDADE DA VONTADE EM CONCORDÂNCIA CONSIGO MESMA, que apareceu no espaço e no tempo para o nosso modo de conhecimento.¹⁶

Na verdade, a luta independe do indivíduo: ainda que um determinado indivíduo morra, a roda da Vontade não cessa de girar; a Vontade é um esforço sem fim. Contudo, apesar dessa luta, todas as partes da natureza acabam por se encaixar: "O solo se adapta à alimentação das plantas, estas à alimentação dos animais, estes à alimentação dos predadores, e todos àquele primeiro"¹⁷; pois, são partes de uma mesma Vontade que só é, por assim dizer, dividida, no mundo da representação. À atuação cega da Vontade se

¹⁴ SCHOPENHAUER, 2005, p. 174, § I 136-137.

¹⁵ Ibid., p. 210, § I 174.

¹⁶ Ibid., p.227, § I 192.

¹⁷ Ibid., p. 226, § I 191.

contrapõe a ação iluminada pelo conhecimento. A clareza de consciência pertencente ao homem e que o distingue dos outros animais, permitindo orientar seus passos, ponderar suas ações, “organizar” o passado e “programar” o futuro.

3. CONCLUSÃO: A ILUSÃO DA INTUIÇÃO, O ERRO DA RAZÃO

A intuição, presente não só no homem, mas também em outros seres, não é passível de falsidade, pois na intuição, a coisa se mostra de forma mais imediata, ao contrário do que se passa com o conhecimento abstrato, com a razão; dela advém a dúvida, o erro:

Se na representação intuitiva a ILUSÃO distorce por momentos a realidade, na representação abstrata o ERRO pode imperar por séculos, impondo seu jugo férreo a povos inteiros, sufocando as mais nobres disposições, e, mesmo quem não é por ele enganado, é acorrentado por seus escravos ludibriados.¹⁸

Entenda-se que Schopenhauer não diminui o peso que tem a ilusão oriunda também da intuição; a espera da felicidade por um desejo satisfeito, por exemplo, nem sempre é duradoura e, logo em seguida sobrevém o sofrimento: “alegria e dor, portanto, nascem de um conhecimento falho”¹⁹. Não obstante, a confiança de Schopenhauer na força da verdade, o leva a lutar incansavelmente por ela, na certeza de seu triunfo final. A grande importância, pois, do conhecimento abstrato está na possibilidade da comunicação, na fixação e conservação de conceitos: “os conceitos formam uma classe particular de representações, encontrada apenas no espírito do homem [...]. Não podemos, por isso, jamais alcançar um conhecimento evidente de sua essência, mas tão-somente um conhecimento abstrato e discursivo”²⁰. Para o artista, por exemplo, o conhecimento já não tem tanta importância:

Caso o cantor ou o *virtuose* realize o seu recital por reflexão, este permanece morto. O mesmo vale para compositores, pintores, sim, para poetas. O conceito é sempre infrutífero na arte; apenas a parte técnica desta pode ser por ele conduzida. O domínio do conceito é a ciência.²¹

No caso dos santos e virtuosos também não é diferente do que se passa com os artistas, quanto à independência da reflexão, pois para eles importa a vivência das coisas reais, o modo de ação guiado pela intuição, não por uma teoria ética, mas por uma ética prática.

¹⁸ Ibid., p. 81, § I 42.

¹⁹ Ibid., pp. 144-145, § I 105.

²⁰ Ibid., p. 86, § I 46.

²¹ Ibid., p. 107, § I 68.

O conhecimento científico é um sistema de conhecimentos organizados, diferentemente de um aglomerado aleatório de intuições, organizado pelo princípio de razão:

com efeito: o que distingue uma ciência de um mero agregado, é que suas verdades nascem umas das outras como de seu próprio princípio. [...] E como o princípio, suposto por nós *a priori*, de que tudo tem uma razão, nos autoriza a perguntar em todas as coisas o ‘por quê’, daí que este ‘por quê’ possa considerar-se como a mãe de todas as ciências²².

Logo, para nosso filósofo, o princípio de razão suficiente é o fundamento de todas as ciências. Ele usa, para esse princípio, a fórmula Wolffiana: “nada existe sem uma razão de ser”²³. Segundo Schopenhauer, Leibniz foi o primeiro a formular esse princípio como fundamento de todas as ciências, de todos os conhecimentos. Contudo, antes mesmo de Leibniz, já dizia Aristóteles, distinguindo causa de razão de conhecimento: “o saber e demonstrar que uma coisa é, difere muito do saber e demonstrar por quê é uma coisa, chamando a este último, conhecimento da causa, e ao primeiro, princípio de conhecimento”²⁴.

Ao homem, “agraciado” pelo conhecimento, são concedidas três vantagens: a linguagem, a ação planejada e a ciência. O pensar científico é um pensar sistemático, que vai do universal ao particular, só é possível graças à razão. A ponte feita entre o entendimento e a razão é a faculdade de juízo, que transfere os dados apreendidos por meio da intuição para o conhecimento reflexivo:

Os juízos hauridos e fundamentados imediatamente na intuição, em vez de qualquer demonstração, são na ciência o que o sol é para o mundo: pois deles provém toda luz, a qual, refletida, faz os outros juízos iluminarem-se novamente. Fundamentar imediatamente na intuição a verdade de tais primeiros juízos, destacar tais pedras-base da ciência a partir da imensa multidão de coisas reais, é a obra da FACULDADE DO JUÍZO, este poder

²² Tradução livre do trecho: “En efecto: lo que distingue a una ciencia de un mero agregado, es que sus verdades nacen unas de otras como de su propio principio. [...] Y como el principio, supuesto por nosotros *a priori*, de que todo tiene una razón, nos autoriza a preguntar en todas las cosas el ‘por qué’, de ahí que este ‘por qué’ pueda considerarse como la madre de todas las ciencias”. Cf. SCHOPENHAUER, Arthur. *La cuádruple raíz del principio de razón suficiente*. Tradução: Eduardo Ovejero y Maury. Buenos Aires: Librería “El Ateneo” Editorial, 1950, p. 30.

²³ Tradução livre do trecho: “Nada existe sin una razón de ser”. Cf. SCHOPENHAUER, 1950, p. 30.

²⁴ Tradução livre do trecho: “El saber y demostrar por qué es una cosa, llamando a este último, conocimiento de la causa, y a l primero, principio de conocimiento”. Cf. SCHOPENHAUER, 1950, p. 32.

de transmitir correta e exatamente para a consciência abstrata o que foi conhecido intuitivamente²⁵.

O que mostra como não se deve dissociar as ciências do conhecimento intuitivo. Schopenhauer fala em **razão de conhecimento** e **razão de ser**. A razão de conhecimento permite conhecer a superfície do objeto, saber o que é o objeto, não o porquê do objeto; enquanto que a razão de ser, somente conhecida através da intuição, nos fornece o conhecimento do porquê do objeto. O conhecimento do **quê** é mundo, Schopenhauer diz que todos o possuímos, como sujeitos do conhecimento que somos. Ora, o mundo é nossa representação e, por conseguinte, nada mais natural do que sabermos, por via da intuição, o que é o mundo. Todavia, elaborar conceitos que atestem isso, o quê e o porquê do mundo é tarefa destinada à filosofia:

A minha filosofia, ao menos, de modo algum investiga DE ONDE veio o mundo e PARA QUE existe. O *por que* está aqui subordinado ao *quê*, pois o primeiro já pertence ao mundo e surge exclusivamente da razão, e só assim possui significação e validade. Poder-se-ia até dizer que cada um, sem ajuda de ninguém, sabe o *quê* é o mundo. De fato, cada um é o próprio sujeito do conhecimento cuja representação é o mundo [...]. Mas tal conhecimento é intuitivo, é conhecimento *in concreto*. Reproduzi-lo *in abstracto*, ou seja, elevar as intuições sucessivas que se modificam, bem como tudo o que o vasto conceito de SENTIMENTO abrange e meramente indica como saber negativo, não abstrato, obscuro, a um saber permanente — eis a tarefa da filosofia.²⁶

É esse conhecimento *in abstracto* que permite ao homem, vivendo o presente, habitar também o passado e ter os olhos e pensamentos voltados para o futuro. Segundo Schopenhauer, o homem vive uma “vida dupla”: ora uma vida *in abstracto*, ora uma vida *in concreto*. Ao viver a primeira, o homem se coloca na posição de um mero observador do mundo, como se fora dele estivesse; vivendo a segunda o homem não só está mergulhado no mundo como também interage com ele.

Encontramos no livro de Marie-José Pernin, *Schopenhauer: Decifrando o enigma do mundo*²⁷, uma fórmula concisa, para definir o que é a Vontade: "a Vontade é porque ela quer, e quer porque ela é"²⁸. Ou seja, a Vontade é o real. Tudo o que existe no mundo é visibilidade dela. Para Schopenhauer, nenhuma filosofia até seus dias

²⁵ SCHOPENHAUER, 2005, p. 116, § I 77.

²⁶ Ibid., p. 137, § I 98.

²⁷ PERNIN, Marie-José. *Schopenhauer: Decifrando o enigma do mundo*. Tradução: Lucy Magalhães. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

²⁸ Cf. 1995, p. 22.

conseguiu e, possivelmente não conseguirá decifrar o enigma do mundo. Contudo, a partir da obra desse filósofo, podemos saber que essa força que rege o mundo, essa Vontade livre, irracional, dilaceradora, todo-poderosa, misteriosa, é UNA e INDIVISÍVEL; portanto, por mais que haja uma diferença aparente entre os fenômenos, todos dividem o mesmo EM-SI. Diz M.-J. Pernin, acerca da filosofia de Schopenhauer:

Sua filosofia considera o real como um sonho [...], o desejo como uma dor e a alegria como negativa, a contemplação estética como uma permuta dos lugares do sujeito e do objeto, o amor dos outros como pena, até a troca final do Ser e do Nada, por ocasião da renúncia.²⁹

A essência do mundo permanece, pois, um mistério, mesmo ao homem, com toda a sua inteligência. Ela não se deixa revelar pelo princípio de razão, como acontece com seus fenômenos. Só há um jeito de decifrar esse enigma e, não está no mundo esse jeito, mas no mergulho do sujeito no próprio sujeito.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: A decifração do enigma do mundo**. — São Paulo: Moderna, 1997.

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer**. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. **Schopenhauer e a questão do dogmatismo**. — São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

DEBONA, Vilmar. **Schopenhauer e as formas da razão: o teórico, o prático e o ético-místico**. — São Paulo: Annablume, 2010.

JANAWAY, Christopher. **Schopenhauer**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. In: Coleção Mestres do Pensar. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. — 5ed. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MAIA, Muriel Wanessa Torres. **A outra face do nada — sobre o conhecimento metafísico na estética de Schopenhauer**. Petrópolis: Vozes, 1991.

²⁹ Ibid., p. 28.

PERNIN, Marie-José. **Schopenhauer: Decifrando o enigma do mundo**. Tradução: Lucy Magalhães. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

REDYSON, Deyve. **Arthur Schopenhauer no Brasil: em memória dos 150 anos da morte de Schopenhauer** / Deyve Redyson (org.). — João Pessoa: Ideia, 2010.

REDYSON, Deyve. **Metafísica do sofrimento do mundo: O pensamento filosófico pessimista**. João pessoa: Idéia, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. **La cuadruple raiz del principio de razón suficiente**. Tradução: Eduardo Ovejero y Maury. Buenos Aires: Libreria “El Ateneo” Editorial, 1950.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, III PT; Crítica da filosofia kantiana; Parerga e paralipomena**, cap. V, VIII, XII, XIV; traduções de Wolfgang Leo Maar e Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. — São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre la libertad de la voluntad**. Tradução de Eugenio Ímaz. — Madrid: Alianza Editorial, 2000.